



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## **O RG<sup>1</sup> FEMININO IMPRESSO NO VESTUÁRIO**

**Joyce Corrêa Fagundes**

Mestranda da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

joyce.cfagundes@gmail.com

### **RESUMO**

Neste texto refletiremos sobre alguns aspectos da sociedade por meio de seus objetos materiais como suporte da memória social. Apresentaremos o vestuário sob a ótica de um documento e registro de manifestações sociais e de identidade cultural. Sua construção teórica permitirá identificar a metamorfose da mulher como agente social. Compreendendo-o como um documento, o vestuário é um instrumento de transmissão de mensagens entre indivíduos e grupos e objeto de salvaguarda de memória de grupos sociais.

### **1 INTRODUÇÃO**

Neste trabalho apresentaremos um recorte do projeto de pesquisa desenvolvido no mestrado cujo objeto principal de estudo é o vestuário, e nesta categoria incluímos peças de roupas e acessórios, como registros pessoais que se traduzem numa representação identitária. Representação esta que pode ser construída de forma consciente ou inconsciente. Através desta construção propomos uma abordagem documental, para este vestuário como um meio de memória individual e coletiva.

Como suporte material da memória o vestuário é analisado como documento de representação da identidade e da memória feminina quando rompe com práticas de controle do corpo feminino, a exemplo disso temos o desuso do espartilho no início do século XX representando a independência da mulher.

A roupa – como objeto material de uso cotidiano – é dotada de elementos subjetivos, composta por uma memória sensitiva e carregando nossa forma física, nosso cheiro, nosso suor. Carrega também memórias, nomes e o espírito de quem a pertenceu.

---

<sup>1</sup> Utilizado-me da expressão *RG* – para reforçar a ideia da roupa como um documento de identificação social, consciente e/ou inconsciente. A identidade social é a imagem de si, para si e para os outros que se constrói em função dos outros, segundo critérios de credibilidade, admissibilidade e aceitabilidade.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

A roupa não é somente um tipo de memória, mas representação material da memória individual (STALLYBRASS, 2008).

A moda sempre estabeleceu uma pauta social para as mulheres e, as maneiras de vestir-se, são sempre motivadas socialmente. No século XIX, por exemplo, essa pauta era conservadora, calcada numa concepção amplamente aceita dos papéis femininos. A partir de 1920 a pauta da moda revelou-se mais progressista para as mulheres ao reformular sua aparência em consonância com as mudanças ocorridas em seus papéis sociais e no restante da sociedade.

As mudanças de determinadas roupas e nas formas pelas quais elas comunicam significados são indicações de alterações substanciais no modo como os grupos e agrupamentos sociais vêem suas relações uns com os outros. A natureza do espaço público influencia a maneira como as pessoas usam roupas de moda, ou fora de moda (*old fashion*), para expressar suas identidades ou até mesmo, para se rebelar.

Gilda Chataigner (2010) em sua obra recente faz um panorama das influências estrangeiras na moda feminina brasileira desde 1500 até os dias atuais. Através deste trabalho identificamos as raízes históricas do vestuário brasileiro. A partir desta, entre outros estudos farei o recorte temporal e espacial da minha pesquisa. A escolha do tema abordado visa trabalhar de forma interdisciplinar um objeto cultural, de caráter histórico e reconhecê-lo como um objeto de pesquisa para a memória social.

## 2 A ROUPA – UM DOCUMENTO EM SI

Paul Otlet afirmou em seu livro *Traité de Documentation* (1934) que a descrição dos objetos gera documentos, como também, o próprio objeto em si é um documento. O autor citado foi o precursor do estudo do documento e da documentação mundial. Em todo documento devem ser consideradas três ordens de elementos: os elementos materiais (substância, forma e acabamento), os elementos gráficos (textos, imagens reais ou convencionais, notações) e os elementos intelectuais. Este último é o de maior relevância, mas sua possibilidade de expressão está em função dos dois primeiros.

Em 1929 os fundadores da revista *Revue des Annales d'histoire économique et sociale*, mostraram que a noção de documento poderia ser ampliada: “com tudo que pertence ao homem, depende do homem, serve ao homem, exprime o homem,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

demonstra presença, atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem” (LE GOFF, 1990, p. 540). Ainda sob essa ótica, percebemos que o objeto “roupa” – para além de um sistema simbólico – é fundamental para a vida cotidiana e existe na medida em que é usada por meios de determinadas técnicas corporais e em situações sociais existentes.

Um objeto se torna documento a partir do momento em que indagamos sua origem, sua forma, sua funcionalidade, quais são seus autores e sua importância (CHAGAS, 1994). Desta forma, o objeto se torna um documento no momento em que há um interesse sobre ele, podendo ser utilizado para ensinar alguém sobre algum fato. Os documentos, por sua vez, são meios de aprendizagem para o indivíduo, a partir da agregação de valor que atribuímos a esses objetos. A constituição de um objeto como documento ocorre a partir do contexto social em que ele se encontra inserido.

Conforme observado por Marcel Mauss, os objetos podem ter uma dimensão espiritual, trazem nomes, memórias, biografias de seus donos anteriores, aprofundando sua importância. Os objetos ganham sentimentos por meio da acumulação do uso social e físico, ou seja, por meio de suas padronagens, formatos ondulantes e odores (SCHNEIDER, 2006).

A roupa não é apenas um objeto de um fenômeno efêmero que é a moda, mas ela resiste aos corpos, os corpos vem e vão e elas sobrevivem. A roupa veste o seu próprio “eu”, usando o corpo em sua forma mais pura e por uma espécie de tautologia remete ao próprio vestuário (BATHES, 1979, p. 245).

As roupas recebem a marca humana e ao mesmo tempo possui elementos intrínsecos de controle social, simbolizando concepções de papéis dominantes e submissos. Elas são usadas para fazer uma declaração sobre classe e identidades sociais, referindo-se às maneiras pelas quais mulheres e homens consideram seus papéis de gênero, ou como esperam que lhe percebam. Constituindo-se um objeto de suporte da memória individual (CRANE, 2006; STRALLYBRASS, 2008).

O vestuário, por mais funcional que seja, comporta sempre um elemento sinalético, sendo a roupa um signo de si mesma. Esse movimento de troca entre a função e o signo é identificado nos objetos culturais (BARTHES, 1979).

As roupas, em seu papel de comunicação simbólica, tiveram fundamental importância no século XIX e início do século XX, como meio de transmitir informações tanto sobre o papel e a posição social daqueles que as vestiam quanto sobre sua natureza



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

peçoal. As roupas de moda, apoiadas por outras instituições sociais, ilustravam a doutrina das esferas separadas e favoreciam os papéis submissos e passivos que as mulheres deveriam desempenhar (CRANE, 2006).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

### 3 VESTUÁRIO – UM REGISTRO DA IDENTIDADE SOCIAL

A identidade define uma pessoa em termos sociais, sendo formada e mantida como resultado de processos inter-relacionais, desta forma reconhecemos que as identidades são socialmente construídas. Além disso, identidades são identificações em curso, que além de plurais, são dominadas pela obsessão da diferença e pela hierarquia das distinções (SANTOS, 1997).

Uma sociedade é moldada por fatores históricos que influenciam os tipos de estilos de roupa que são usados. Quando as sociedades se tornam amplas e complexas, subculturas tendem a surgir. Deste modo, o conjunto de discursos sobre o vestuário inclui aqueles que sustentam a conformidade com as concepções dominantes dos papéis sociais e os que expressam as tensões sociais que forçam os conceitos amplamente aceitos de papel social a tomar novas direções. Estes englobam as perspectivas de grupos marginais que buscam aceitação para maneiras de vestir consideradas marginais ou fora dos padrões, especialmente no que tange à sexualidade, segundo a concepção de *status* ou gênero dominantes. Cada qual tem sua área de influência, seus líderes e seguidores, assim como sua linguagem visual expressa através de usos e costumes pelo vestuário (FEGHALI, 2002; CRANE, 2006).

Schneider (2006) aborda o conceito do autoaprimoramento que se refere à ideia de reafirmação identitária e de um *status* particular de vida para a sociedade. Segundo a autora, o vestuário e o tecido assumem o papel de transformar o corpo e a própria imagem, tornando-os estético ou sexualmente atraente. Vestir-se bem para acumular prestígio e respeito de outros, assinalando por meio das roupas uma identidade com valores ou circunscrições particulares.

O caráter identitário da roupa se expressa não somente em seu uso final, em contato com o corpo, mas podemos traçar sua história desde sua criação, passando por toda publicidade e propaganda relacionada à venda deste até o seu consumo. Assim, podemos pensá-la também como categoria de uma cultura material abrangendo o pensamento social ocidental de produção versus consumo; utilidade versus beleza; o dom versus o produto; comunicação simbólica versus materialidade (SCHNEIDER, 2006).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

A noção de identidade é polissêmica, pois designa e exhibe, valoriza ou discrimina. Em todos os grupos sociais o vestuário é um meio de criar e manter identidade, surgindo como um objeto restaurador em todas as mudanças sociais e culturais vivenciadas pelas mulheres. A moda expressa, da forma mais visível e concreta, a realidade essencialmente dialética e dinâmica da sociedade, feita de interconexões e liames, mas também de inevitáveis conflitos entre os indivíduos, entre as múltiplas e diferentes transformações sociais, entre os indivíduos e os grupos ou classes (SIMMEL, 2008, p. 9).

Quando falamos de identidade nos remetemos ao texto de Pollak (1992, p.5) no qual aborda o sentimento de identidade como expressão da imagem de si, para si e para os outros. Ou seja, a imagem que o indivíduo adquire, constrói e apresenta aos outros e a si próprio como um mecanismo de representação. O autor recorre à psicologia social para justificar construção da identidade constituinte do sentimento de pertencimento ao grupo, aos critérios de aceitabilidade, admissibilidade e credibilidade.

O ato de se vestir é sustentado pela ideia da construção de uma auto-imagem. Sofrendo mudanças, negociações e transformações ao passar do tempo. As roupas constituem o principal meio de identificação do indivíduo no espaço público, pois indicam como a sociedade delimita sua posição nas estruturas sociais. Pensar sobre a roupa significa pensar sobre memória, assim como a relação do poder e posse na sociedade (STALLYBRASS, 2008).

### **3.1 As raízes brasileiras do vestuário feminino**

Para exemplificar a influência sofrida na história do vestuário brasileiro será exposto o perfil das mulheres que representavam a imagem feminina no período do descobrimento. Indígenas, lusitanas e escravas formaram as raízes da mulher brasileira.

As primeiras portuguesas que aportaram em terras tupiniquins por volta da segunda década de 1500 eram mulheres de vida airada, popularmente conhecidas como prostitutas, orientadas para se estabelecerem em terras brasileiras unindo-se a membros do governo ou de outra procedência, estabelecidos no novo mundo a fim de reprodução.

Alguns costumes e hábitos foram observados, de forma geral, nas mulheres indígenas brasileiras. Corpos despídos, usados apenas como suporte de enfeites e signos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

e cabelos adornados por flores e semente, nunca penas, como retratam algumas obras artísticas. Este imaginário é uma espécie de romantização e glamorização do mito do selvagem tropical. Desde o início da colonização lutou-se contra a nudez e o que ela simbolizava – a demonização. Aos olhos dos colonizadores, a nudez dos índios era semelhante a dos animais, sem vergonha ou pudor natural, sendo combatida pela igreja. Vesti-los era afastá-los do mal e do pecado (DEL PRIORE, 2011, p. 17).

Os primeiros escravos e escravas que aqui chegaram, estavam praticamente nus. Vestiam alguns trapos feitos de algodão de tamanhos variados enrolados como faixas entre a cintura e a parte superior da perna, dando a ideia de um saíote ajustado, assim como as tangas também usadas por nativos brasileiros antes do descobrimento. Todas essas vestes eram bem primitivas, confeccionadas com algodão de baixa qualidade e a princípio sem nenhuma referência cultural africana.

Já no final do século XVI que os trajes usados pelas negras ou crioulas (nascidas no Brasil, mas de origem africana) que vão demonstrar características dos dois continentes, com roupas mais trabalhadas e coloridas. Neste período, roupa e tecidos coloridos eram utilizados como mercadoria de troca. Escravos refugiados em quilombos faziam trocas comerciais de alimentos, roupas, tecidos coloridos e estampados, com alguns portugueses.

No início do século XVII mulheres de diversas etnias habitantes de um novo país mostraram em seu cotidiano a maneira de ser feminina. Embora o calor dos trópicos não favorecesse, as mulheres que aqui viviam ostentavam um vestuário faustoso. Neste período o vestuário já recebia também influências estéticas da moda francesa com seus *corselets*, *vartugadin*<sup>2</sup> e mangas bufantes além dos acessórios como lencinhos de renda, meias com ligas bordadas, maquiagem rosada dos batons e ruges.

Algumas referências peculiares na moda feminina ainda neste século nos chamaram atenção, como o uso da cor preta nas roupas, trazidas pelos holandeses que invadiram o Brasil neste período; o gosto pela cor vermelha, que vem dos mouros – trazido pelos portugueses; de alguns países da África vieram as grandes argolas e gargantilhas com miçangas, assim como a moda dos lenços e torços usados na cabeça.

---

<sup>2</sup> Espécie de armação interna feita com metal ou barbatanas de baleia. Como consequência, as saias dos vestidos adquiriam formas engraçadas como sino, barril e tambor.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

A joalheria crioula, por exemplo, tem origem com a técnica da fundição utilizada em confecção de jóias, introduzida no Brasil pelos negros malês africanos. Algumas peças da joalheria crioula afro-brasileira saíram dos cultos e se proliferaram pelas mulheres africanas, mulatas ou crioulas, especialmente na Bahia.

Como podemos observar, assimilamos inúmeras referências na composição do mosaico da nossa identidade cultural. Séculos se passaram e muitas dessas influências perduraram.

### **3.2 A roupa como fonte de pesquisa**

O vestuário tem uma dupla origem, simbólica e instrumental. Simbólica, pois situa-se ao lado da linguagem e da arte; como objeto faz parte do conjunto de instrumentos através dos quais o homem interfere no ambiente natural, ou seja, no domínio da cultura material. Agindo como linguagem que faz circular a informação transmitida pelo vestuário entre indivíduos e grupos, reforça o conceito de individualidade e de identidade. Em todos os grupos sociais o vestuário é um meio de criar e manter identidade, surgindo como um objeto restaurador em todas as mudanças sociais e culturais vivenciadas pelas mulheres. A constituição deste objeto como documento ocorre a partir do contexto social em que ele se encontra inserido (BARTHES 2005, p. 292).

Os debates sobre o papel desempenhado pelo vestuário na construção da identidade são discutidos por inúmeros pesquisadores no Brasil e no exterior, aqui destacaremos algumas como: Diana Crane e Dominique Veillon. A primeira, especialista em sociologia da cultura, artes e mídia, aborda em seu livro “A moda e seu papel social” a importância do vestuário na construção social da identidade, pois a escolha do vestuário reflete-se nas formas pelas quais os membros de grupos sociais e agrupamentos de diversos níveis sociais vêm a si mesmo em relação aos valores dominantes.

Já a historiadora Dominique Veillon se dedica ao estudo de fenômenos sócio-políticos, em seu livro *Moda e Guerra* (2004) a autora retrata a vida cotidiana e especificamente aos hábitos vestimentares no tempo da guerra, buscando através da moda aquilo que ela tem de revelador do ambiente político, econômico e cultural de sua



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

época. Veillon é diretora de pesquisa do *Institut d'Histoire du Présent* no *Centre National de Recherches Scientifiques* da França.

Reconhece-se que a vestimenta pode ser vista como documento e, neste sentido, pode favorecer estudos de natureza acadêmica. Contendo informação tangível, palpável, datável, com volume, peso e preço. As vestimentas são consideradas suportes informativos porque são verdadeiros documentos gerados nos fluxos informacionais das diferentes áreas da cadeia da moda, podem ser ordenados, armazenados e recuperados (FEGHALI, 2002, p.31).

Os objetos nascem com funções específicas. Um documento se constitui no momento em que lançamos sobre ele o nosso olhar interrogativo, e questionamos sua função, em que contexto social, político, econômico e cultural foi produzido e utilizado, qual relação manteve com determinados atores e conjunturas históricas. A noção de ensinamento não está embutida no documento, ela está, brota e surge a partir da relação que com o documento/testemunho se pode manter. Por sua vez, o documento é compreendido como “suporte de informações” que só podem ser preservadas e resgatadas através do questionamento (CHAGAS, 1994, p.3).

Todavia, um documento não é caracterizado pelo seu suporte, mas pela sua condição de registro e esse documento enquanto registro pressupõe uma intencionalidade. Expor o vestuário feminino como documento é representar o cotidiano feminino, pois este só se torna um documento, quando é retirado de um contexto social, histórico e cultural e representado dentro de uma instituição de memória. Estas instituições de memória podem ser os arquivos, museus e bibliotecas, as quais legitimam a memória nacional<sup>3</sup>.

As Instituições legitimam ações de grupos ou indivíduos dentro de uma determinada sociedade e são “percebidas como fator de organização da sociedade” capazes de agregar valor e, assim, preservar as representações de um grupo (CASTRO, 2002, p. 103). As coleções pertencentes a esses espaços se transformam em objetos que refletem a cultura de determinado(s) povo(s). Assim, assumem o papel de patrimônio, ou seja, documentos que preservam a identidade cultural, a permanência de uma idéia.

---

<sup>3</sup> Essa afirmação é observada na obra de Pierre Nora *Les Liex de Memoire*, considerada um inventário dos lugares simbólicos da França.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Podemos citar algumas instituições que utilizam o vestuário como um documento de representação da imagem e memória feminina, com exposição de roupas e acessórios, o *Metropolitan Museum*, *Musée de la mode de Marseille*, *Musée suisse de la Mode* entre outros.

### 3 CONCLUSÃO

A roupa tende pois a estar poderosamente associada com a memória ou, para dizer de forma mais forte, a roupa é um tipo de memória. Quando a pessoa está ausente ou morre, a roupa absorve sua presença ausente (STALLYBRASS, 2008, p. 14)<sup>4</sup>.

O vestuário faz parte do cotidiano das pessoas, e tentamos mostrar aqui, sua importância como objeto de representação da memória feminina. Observar o vestuário sob a perspectiva de um documento ultrapassa suas funções básicas de proteção, pudor e adorno observadas por Barthes (2005). Pois além de um objeto de pesquisa que propicia auxílio aos profissionais da moda, figurinistas, historiadores entre outros, se consolida como um registro da memória social.

Em alguns países da Europa, foram criados institutos de conservação do vestuário com a preocupação de se preservar a história de determinadas populações como também, centros de documentação para pesquisa sobre vestuários dos séculos XVIII e XIX. Tudo isso demonstra a necessária importância de se preservar o vestuário como um documento histórico a fim de conservar a identidade social.

### REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Sistema da moda**. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

\_\_\_\_\_. **Inéditos: imagem e moda**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. v. 3.

CHAGAS, Mario S. Em busca do documento perdido: a problemática da construção teórica na área da documentação. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, n. 2, 1994.

CRANE, Diana. **A Moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas**. São Paulo: Ed. Senac SP, 2006.

---

<sup>4</sup> O autor mostra os complexos vínculos que o vestuário desenvolve, conectando o universo da subjetividade com o exterior. No primeiro capítulo, denominado “A vida social das coisas: roupas, memória, dor”, Stallybrass explica como finalmente entendeu o significado simbólico das vestes por meio da dor profunda de perder um ente querido.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 2011.

FEGHALI, Marta Catarina Kasznar. **A informação de moda**: mecanismo de poder, sedução e status na sociedade. 30 ago. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – MCT/IBICT-UFRJ/ECO, Rio de Janeiro.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônio. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 11, n. 23, p. 15-36, jan./jun. 2005.

LE GOFF, J. **Historia e memória**. Campinas: Unicamp, 1990.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Ed. Cosac&Naify, 2003.

NORA, Piere. **Les Lieux de Memoire**. Paris: Gallimard, 1992. [vol. III. Les France, vol. II La Nation]

OTLET, Paul. **Traité de documentation**. Brussels: Ed. Mundaneum, 1934.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 10, 1992.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice**: o social e o político na transição pós-moderna. São Paulo: Cortez, 1997.

SCHNEIDER, Jane. Cloth and clothing. In: **Handbook of Material Culture**. TILLEY, Chris et al. Sage: London, 2006. p. 203-220.

SIMMEL, Georg. **Filosofia da moda**: e outros escritos. Lisboa: Edições textos & grafia, 2008.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx**: roupas, memória, dor. 3. ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2008.